

AGROPECUÁRIA

Comércio exterior de produtos do agronegócio: Balanço de 2020 e perspectivas para 2021

Sumário

Nesta nota apresentamos o fechamento da balança comercial de produtos do agronegócio para 2020, destacamos os principais fatores que contribuíram para este resultado e apontamos algumas tendências para 2021. Mesmo com queda no preço médio de quase todos os principais produtos de exportação, o Brasil conseguiu se manter como um dos principais fornecedores de *commodities* agropecuárias no mercado mundial em 2020, com destaque para a soja, as carnes – bovina, suína e de frango –, o açúcar, o café e o algodão. O país foi favorecido pela desvalorização do real frente ao dólar, que tornou os preços brasileiros ainda mais competitivos, pela guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, que favoreceu o setor sojicultor, pela quebra de safra nos países concorrentes, como no caso do açúcar, pelo aumento da demanda internacional, como no comércio do algodão, ou simplesmente por condições climáticas favoráveis, como a bialidade positiva do café. Paralelo a isso, a balança comercial do agronegócio contou ainda com excelentes resultados do setor triticulor que, sendo o trigo o principal produto importado pelo Brasil, impactou positivamente o saldo final.

1 Balança comercial e do agronegócio

A balança comercial brasileira fechou 2020 com saldo positivo de US\$ 50,9 bilhões – crescimento de 6% frente a 2019 (gráfico 1). Destaque para o agronegócio, que bateu mais um recorde no ano passado, chegando a um saldo final de US\$ 87,7 bilhões. Observando a última década, de fato, o agronegócio vem se consolidando como o setor mais relevante do comércio internacional, contribuindo de forma positiva e decisiva para o saldo total da balança comercial.

Esse saldo foi impulsionado pelas principais *commodities* comercializadas pelo país (tabela 1), com destaque para a soja e a carne bovina, que também são os dois componentes com maior peso no cálculo do produto interno bruto (PIB) da agropecuária.¹

1. A última estimativa do PIB agropecuário de 2020 calculada pelo Grupo de Conjuntura da Dimac está disponível em: < https://www.ipea.gov.br/porta/imagens/stories/PDFs/conjuntura/201021_nota_pib_agro.pdf >.

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora associada na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

Rafael Pastre

Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

rafael.pastre@ipea.gov.br

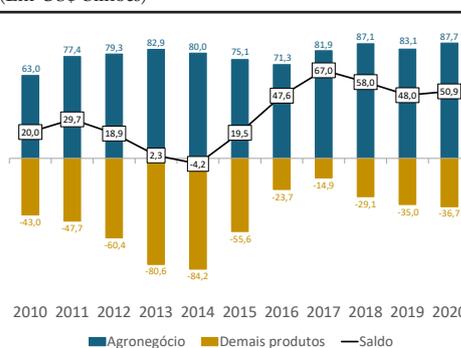
Guilherme Soria Bastos Filho

Engenheiro agrônomo; mestre em economia agrícola; consultor e ex-presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

gsbastos@uol.com.br

Divulgado em 31 de março de 2021.

GRÁFICO 1
Saldo da balança comercial do Brasil, agronegócio e demais setores (2010-2020)
(Em US\$ bilhões)



Fonte: Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Agrostat/MAPA) e Comex Stat do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços (MDIC).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A partir da classificação utilizada pelo MAPA,² foram selecionados os dez principais produtos exportados em 2020. Na comparação com 2019, apenas a carne de frango e o milho apresentaram queda tanto em valor (-14,1% e -19,8%, respectivamente) quanto em quantidade (-1,2% e -19,5%). A celulose apresentou queda em valor (-19,9%), e os demais produtos tiveram alta em valor e quantidade. Como será analisado de forma mais detalhada nesta nota, o câmbio tornou os produtos brasileiros mais competitivos no mercado internacional, e foi um dos fatores que contribuíram para o aumento das exportações, além da guerra comercial entre Estados Unidos e China, da quebra de safra em países concorrentes e do aumento da demanda.

No entanto, dos dez principais produtos de exportação, apenas as carnes bovina e suína e o café apresentaram variação positiva no preço médio em dólar em 2020 (3,0%, 4,0% e 0,8%, respectivamente), todos os demais tiveram queda. É importante lembrar que o setor tinha sofrido queda dos preços médios em 2019, e que os custos de produção neste período não diminuíram.

TABELA 1
Brasil: exportações totais e do agronegócio, setores e subsetores (2018-2020)
 (Em US\$ milhões, t milhões e %)

Setor(es)	Valor (milhões US\$)				Peso (milhões t)				Preço médio
	2018	2019	2020	Δ 2019-2020	2018	2019	2020	Δ 2019-2020	Δ 2019-2020
1. Soja em grãos	33.046,7	26.071,8	28.560,6	9,5	83,2	74,1	83,0	12,0	-2,2
2. Açúcar de cana ou beterraba	6.525,0	5.179,1	8.744,2	68,8	21,3	17,9	30,6	71,3	-1,4
3. Carne bovina	6.542,8	7.629,2	8.478,2	11,1	1,6	1,9	2,0	7,9	3,0
4. Celulose	8.276,5	7.479,9	5.989,6	-19,9	15,2	15,3	16,2	6,0	-24,5
5. Carne de frango	6.399,7	6.972,6	5.989,3	-14,1	4,0	4,2	4,1	-1,2	-13,1
6. Farelo de soja	6.624,4	5.855,3	5.909,5	0,9	16,7	16,7	16,9	1,5	-0,6
7. Milho	3.918,3	7.212,2	5.786,1	-19,8	22,9	42,7	34,4	-19,5	-0,4
8. Café	4.962,1	5.167,4	5.529,5	7,0	1,9	2,3	2,5	6,2	0,8
9. Algodão	1.686,6	2.640,4	3.226,9	22,2	1,0	1,6	2,1	31,7	-7,2
10. Carne suína	1.189,5	1.599,8	2.254,3	40,9	0,6	0,7	1,0	35,5	4,0
Demais produtos do agronegócio	21.995,7	21.042,5	20.233,6	-3,8	22,1	22,3	25,0	12,2	-14,3
Agronegócio total	101.167,3	96.850,6	100.701,9	4,0	190,6	199,7	217,9	9,1	-4,7
Brasil - exp. totais	239.264,0	225.383,5	209.878,4	-6,9	706,0	678,4	697,5	2,8	-9,4

Fonte: Agrostat/MAPA e Comex Stat/MDIC.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em valor absoluto, o ano de melhor desempenho do setor foi 2018, com exportações de US\$ 101,2 bilhões. No entanto, ao compararmos a participação do agronegócio no volume total exportado, nitidamente 2020 foi o ano de maior destaque (48%), contra 42,3% em 2018 e 43,0% em 2019. Em termos de quantidade, o fechamento de 2020 foi de 217,9 milhões de toneladas, enquanto 2019 manteve o mesmo patamar que 2018 – 199,7 e 190,6 milhões de toneladas, respectivamente.

Em relação aos destinos desses produtos (tabela 2), China, União Europeia (UE) e Estados Unidos (EUA) mantiveram a liderança em 2020, com 33,7%, 16,2% e 6,9% das exportações em valor. Na comparação com 2019, apenas a China aumentou as importações de produtos brasileiros (9,9%) – UE e EUA tiveram queda de 3,0% e 2,8%, respectivamente. Na lista dos quinze principais destinos dos

2. Além da classificação do MAPA, esta publicação adotou a definição de agronegócio estabelecida pelo ministério na Agrostat. Para a obtenção completa de cada produto e respectiva Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), que compõe a pauta de comércio exterior, consultar <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>.

produtos do agronegócio, fica claro o estreitamento das relações do Brasil com os países asiáticos e do Oriente Médio nos dois últimos anos. Além da China, que respondeu sozinha por 33,7% das exportações totais do setor em 2020, o grupo Ásia, exceto China, respondeu por 21,4% no mesmo período, o que equivale a três vezes o valor destinado aos EUA e 33,2% acima do que o conjunto de 28 países da UE importa do Brasil.

TABELA 2
Principais destinos para os produtos do agronegócio do Brasil (2019 e 2020)
(Em US\$ milhões e %)

Ano	2019		2020		
	Bloco/País	Valor (milhões US\$)	Participação (em %)	Valor (US\$)	Participação (em %)
Total		96.850,62	100,00%	100.701,91	100,00%
China		30.960,83	31,97	34.010,89	33,77
União Europeia 28 - UE 28		16.808,29	17,35	16.305,48	16,19
Estados Unidos		7.166,21	7,40	6.963,48	6,91
Japão		3.329,31	3,44	2.503,95	2,49
Coréia, Rep. Sul		2.049,69	2,12	2.206,60	2,19
Vietnã		1.796,36	1,85	2.162,32	2,15
Hong Kong		2.123,54	2,19	2.026,26	2,01
Turquia		1.308,86	1,35	1.897,77	1,88
Indonésia		1.183,45	1,22	1.825,84	1,81
Tailândia		1.370,57	1,42	1.823,84	1,81
Arábia Saudita		1.768,79	1,83	1.670,14	1,66
Bangladesh		1.226,82	1,27	1.469,35	1,46
Egito		1.462,54	1,51	1.462,68	1,45
Emir. Árabes UN.		1.341,40	1,39	1.298,21	1,29
Rússia, Fed. da		1.272,14	1,31	1.179,68	1,17
Demais países		21.681,83	22,4	21.895,39	21,7

Fonte: Agrostat/MAPA.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Complexo soja

De todos os produtos do agronegócio exportados pelo Brasil, o carro-chefe em 2020 continuou sendo a soja – soja em grãos e farelo de soja –, que respondeu sozinha por 34,2% do total exportado em valor – frente a 33,0% em 2019 –, o equivalente a US\$ 34,5 bilhões. Além de o grão ser a principal cultura do país, o Brasil se tornou o principal produtor mundial na safra 2019-2020, com 37,4% da produção total (tabela 3), seguido dos Estados Unidos (28,7%) e da Argentina (14,5%). Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture – USDA), para a safra 2020-2021, o Brasil deve manter a posição de liderança.

TABELA 3
Maiores produtores mundiais de soja (2018-2019 a 2020-2021)
(Em t milhões e %)

Produção	2018/2019 (t milhões)	Participação na produção mundial 2018/2019	2019/2020 (t milhões)	Participação na produção mundial 2019/2020	2020/2021 ¹ (t milhões)	Participação na produção mundial 2020/2021
Brasil	119,7	33,2	126,0	37,4	133,0	36,8
Estados Unidos	120,5	33,4	96,7	28,7	112,5	31,2
Argentina	55,3	15,3	48,8	14,5	48,0	13,3
China	16,0	4,4	18,1	5,4	19,6	5,4
Demais países	49,6	13,7	46,9	13,9	47,9	13,3
Total mundial	361,0	100	336,5	100	361,0	100

Fonte: USDA-WASDE Report, fev. 2021.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: ¹ Previsão de fevereiro de 2021.

Esse resultado foi consequência da safra recorde do grão em 2019-2020, que contou com a contribuição de diversos fatores, como aumento de 3,0% da área plantada e condições climáticas favoráveis. E, apesar de o Brasil ter apresentado crescimento na produção de 4,3% em 2019-2020, a estimativa da Conab para a safra 2020-2021 é de novo recorde – 135,1 milhões de toneladas, com aumento de 4,1% em área plantada, 4,0% em produtividade e 8,2% em produção.³ As estimativas do USDA vão na mesma direção da Conab, o que reforça o protagonismo do Brasil no mercado internacional.

De fato, o bom desempenho das exportações brasileiras de soja foi favorecido por fatores como: a desvalorização do real frente ao dólar, que tornou o produto mais competitivo; o maior excedente da produção nacional; e o aumento de 3,1% da demanda internacional, em especial da China, que representou 7,1% desse montante (tabela 4). De acordo com o USDA, o país asiático é o maior consumidor do grão desde a safra 2018-2019, com estimativa de novo aumento para 2020-2021. Esse resultado mostra de forma clara que, mesmo com a expansão prevista de 13,1% na produção chinesa para a safra atual, existe um grande hiato entre produção e consumo no país (gráfico 2). Essa diferença não só permanece como vem aumentando nos últimos anos, o que sinaliza que o país continuará sendo um importante demandante de soja importada do resto do mundo.

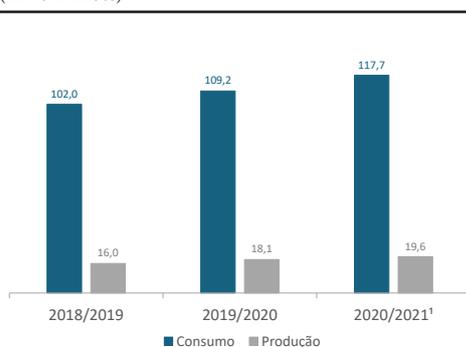
TABELA 4
Maiores consumidores mundiais de soja (2018-2019 a 2020-2021)
 (Em t milhões e %)

Consumo	2018/2019 (t milhões)	Participação no consumo mundial 2018/2019	2019/2020 (t milhões)	Participação no Consumo mundial 2019/2020	2020/2021 ¹ (t milhões)	Participação no Consumo mundial 2020/2021
Brasil	45,2	13,1	46,9	13,2	48,1	13,0
Estados Unidos	60,4	17,6	61,8	17,4	63,3	17,1
Argentina	47,5	13,8	45,9	12,9	46,2	12,5
China	102,0	29,6	109,2	30,8	117,7	31,8
Demais países	89,1	25,9	91,1	25,7	94,6	25,6
Total mundial	344,1	100	354,8	100	369,8	100

Fonte: USDA-WASDE Report, fev. 2021.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: ¹ Previsão de fevereiro de 2021.

Outro componente que impactou o mercado internacional da soja foi a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, iniciada em abril de 2018.⁴ A primeira consequência desse conflito foi a abertura do mercado chinês para novos fornecedores brasileiros (gráfico 3). É nítido o pico das exportações do Brasil do complexo soja para a China em 2018, e a permanência em patamares mais elevados a partir dessa data. No entanto, apesar do pico em 2018, a participação da China no montante total exportado caiu nos últimos dois anos, fechando 2020 com 60,2%. A segunda

GRÁFICO 2
Produção e consumo de soja na China (2018-2019 a 2020-2021)
 (Em t milhões)



Fonte: USDA-WASDE Report, fev. 2021.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: ¹ Previsão de fevereiro de 2021.

3. Versão do Boletim da Safra de Grãos, de seu 12º levantamento, 2019-2020, e sexto levantamento da safra 2020-2021, disponível em: <<https://www.conab.gov.br/infoagro/safra/graos/boletim-da-safra-de-graos>>.

4. O impasse entre os dois países começou em 2018 e, desde então, já houve algumas tentativas de relaxamento e trégua. Em outubro de 2020, por exemplo, a China anunciou unilateralmente a redução de alguns produtos de interesse próprio, como a soja.

consequência foi a queda do preço internacional, pressionado principalmente pelo excedente de soja americano (gráfico 4). Fazendo uma média dos preços correntes antes e depois da guerra comercial, percebe-se uma queda de US\$ 32,4/tonelada. Em contrapartida, a partir de maio de 2020, o preço da *commodity* começou a se recuperar, atingindo patamares recordes no início de 2021 – a soja fechou janeiro em US\$ 504,3/tonelada.

GRÁFICO 3

Exportações brasileiras do complexo soja para a China e participação da China na venda de soja do Brasil (2012-2020)

(Em t milhões e %)



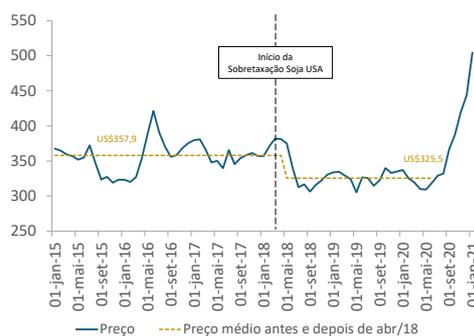
Fonte: Agrostat/MAPA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4

Preço internacional da soja

(Em US\$ correntes/tonelada)



Fonte: Federal Reserve Bank of St. Louis.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

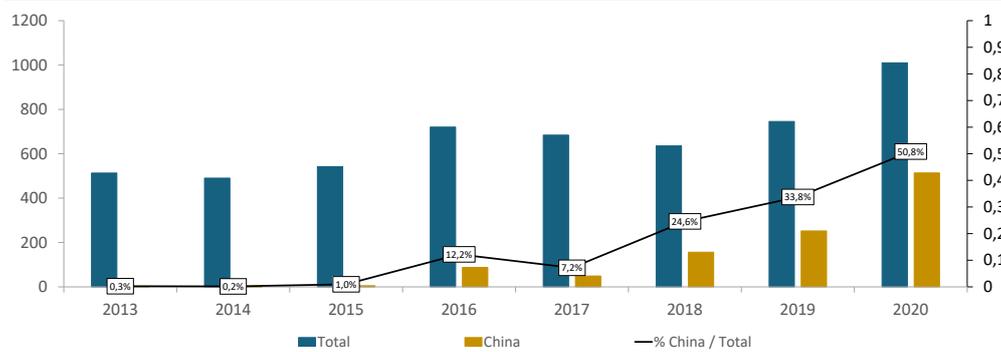
No final de 2019, uma série de fatores contribuiu para a aceleração do preço da soja no mercado internacional. O USDA demonstrou preocupação com o clima no Cone Sul, decorrente do fenômeno La Niña. Somadas a isso, as greves trabalhistas dos transportadores e portuários de Rosário, porto responsável por 80% do escoamento de grãos na Argentina, paralisaram os envios do complexo soja do país. As medidas adotadas pelo governo argentino, restringindo as exportações de alimentos, também afetaram as expectativas dos importadores. Naquela ocasião também já havia sinais consistentes de que a safra brasileira, apesar de robusta, viria com atraso, pressionando o preço da soja americana, principal ofertante naquele momento. A China, por sua vez, acelerou de forma anormal as aquisições de soja americana no final do ano em função da recomposição do rebanho suíno, registrando em 2020 recorde de importações do grão dos Estados Unidos. Todos esses fatores, somados à redução dos estoques mundiais, elevaram o preço internacional. Com o atraso na safra brasileira (2020-2021), isso também pode ser observado dentro do país que, aliado à desvalorização cambial, segue pressionando os preços no mercado doméstico.

3 Carnes

Depois do complexo soja, o segundo grupo de produtos que mais exportou em valor em 2020 foi o de carnes – US\$17.158,8 milhões –, com destaque para a bovina (US\$ 8.478,2 milhões e crescimento de 11,1% frente ao ano anterior) e a suína (US\$ 2.254,3 milhões, com crescimento de 40,9% no mesmo período). Em ambos os casos, o recorde das exportações reflete o aumento da demanda por parte

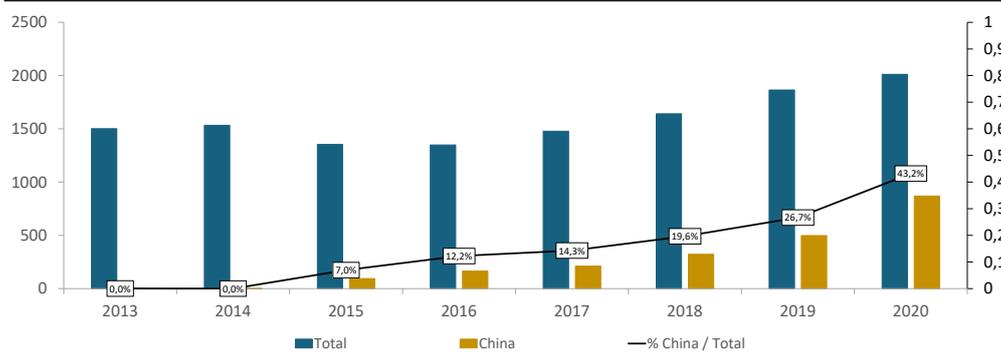
dos países asiáticos (gráficos 5A e 5B). A China representou 43,2% (carne bovina) e 50,8% (carne suína) das exportações em 2020. O frango apresentou queda de 14,1%, apesar de ter sido a segunda principal carne em termos de valor (US\$ 5.989,3 milhões) e a primeira em peso (4,1 milhões de toneladas).

GRÁFICO 5A
Carne Bovina - Exportações brasileiras, total e China (2013-2020)
 (Em t milhões e %)



Fonte: USDA.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5B
Carne Suína - Exportações brasileiras, total e China (2013-2020)
 (Em t milhões e %)



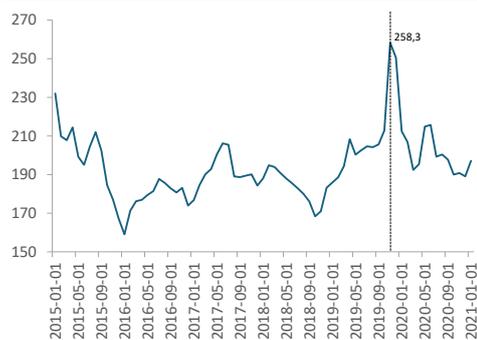
Fonte: USDA.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Assim como a soja, as carnes foram beneficiadas pela guerra comercial entre os Estados Unidos e a China e pela desvalorização cambial. Aliado a isso, o setor ainda contou com altas subsequentes dos preços internacionais da arroba, chegando a um pico de US\$ 258,3/tonelada em novembro de 2019 (gráfico 6). Em 2020, o preço internacional se manteve acima de US\$ 190,0/tonelada. Para o Brasil, além da manutenção da demanda doméstica e do aquecimento da internacional, o mercado contou com a escassez de animais para abate, o que restringiu a oferta no país. Em 2020 foram ao todo 22,2 milhões de cabeças abatidas, 2,4 milhões a menos que no ano anterior e a menor produção desde 2015 (gráfico 7).

O bom desempenho das exportações de carne suína em 2020 contou, particularmente, com o aumento da demanda chinesa no mercado internacional. Com o descarte de animais no país asiático em decorrência da Peste Suína Africana (PSA)

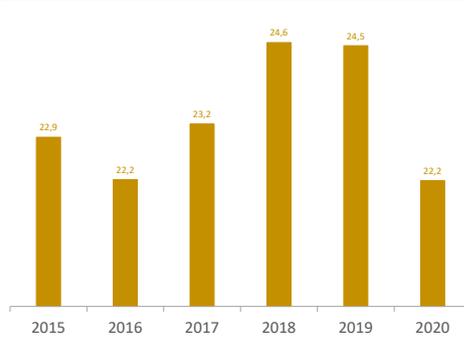
no final de 2018, sua produção doméstica caiu 21,1% em 2019, e novamente 10,8% em 2020 (gráfico 8). Para 2021, o USDA sinaliza certa recuperação na produção do país (9,2%), mas ainda bem aquém da média produzida no período pré-pandemia (2010 a 2018), que foi de 53,7 milhões de toneladas por ano.

GRÁFICO 6
Preço internacional da carne bovina (2015-2020)
(Em US\$ centavos por libra peso)



Fonte: Federal Reserve Bank of St. Louis.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Número de animais abatidos no Brasil (2015-2020)
(Em milhões de cabeças abatidas)



Fonte: Serviço de Inspeção Federal (SIF), atualizado em 8/3/2021.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De fato, a partir do período mais crítico da PSA na China, o país aumentou as importações mundiais e do Brasil, atingindo 5,2 milhões e 0,5 milhão de toneladas, respectivamente (gráfico 9). Apesar de o Brasil ter representado apenas 9,6% do total importado pela China no ano passado, de 2018 para 2019, o crescimento foi de 61,2%, e de 2019 para 2020, de 103,8%. A estimativa para 2021 do USDA é de queda de 14,0% nas importações, frente a 2020.

No entanto, dois fatores devem contribuir para um bom desempenho das exportações brasileiras este ano. O primeiro, e já mencionado, é que a produção doméstica chinesa, apesar de apresentar uma estimativa de alta, ainda não conseguirá atingir os níveis anteriores a 2018. E o segundo fator é que surgiu uma nova mutação do vírus da PSA na China. Apesar de não ser tão letal quanto o primeiro, e de os descartes de animais até agora serem bem pontuais no país, a incerteza fez com que o preço da carne suína na China tivesse nova alta (gráfico 10). Além do câmbio favorável, esse é um indicativo de que as exportações de carne suína para a China podem se manter aquecidas, pelo menos até o final do segundo trimestre.

GRÁFICO 8
Produção de carne suína na China (2010-2021)
(Em t milhões)

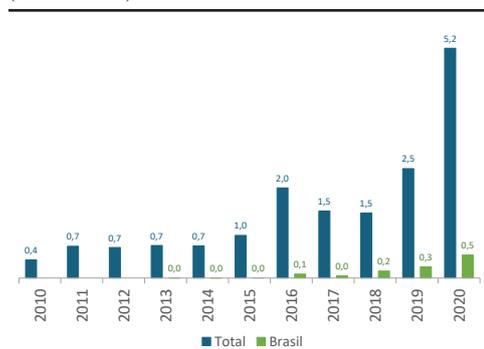


Fonte: USDA.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9

Importação chinesa de carne suína, total e Brasil (2010-2020)

(Em t milhões)



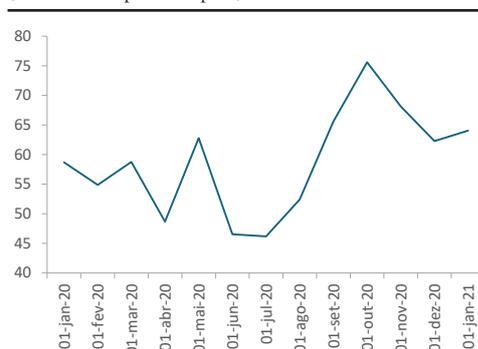
Fonte: USDA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10

Preço internacional da carne suína (jan./2020-jan./2021)

(Em centavos por libra peso)



Fonte: Federal Reserve Economic Data.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



4 Demais produtos

Além da soja e das carnes, outro setor que teve bom desempenho em termos de exportação foi o de produtos florestais, com US\$ 11.414,6 milhões, ou 11,3% do total das exportações. Destaque para a celulose, com US\$ 5.989,6 milhões, e para a madeira, com US\$ 3.677,6 milhões (tabela 5). Até o segundo trimestre de 2019, a celulose vinha apresentando crescimento contínuo, tanto em valor quanto em quantidade, mas a partir do terceiro trimestre, começou a sofrer queda, fechando 2019 com estabilidade na quantidade e queda de 9,6% no valor. Em 2020, fechou com queda de US\$ 1,5 bilhão no valor, que corresponde a -19,9%, e alta na quantidade exportada (6,0%) frente ao ano anterior. Os preços internacionais também caíram. Entre os principais destinos, destaque para a China, os Estados Unidos, os Países Baixos e a Itália. Dos produtos selecionados da tabela 5, os produtos florestais foram os que apresentaram a maior queda na variação do preço médio entre 2019 e 2020.

TABELA 5

Brasil: exportações do agronegócio, setores selecionados (2018-2020)

(Em US\$ milhões, t milhões e %)

Setor(es)	Valor (milhões US\$)				Peso (milhões t)				Preço médio
	2018	2019	2020	Δ 2019-2020	2018	2019	2020	Δ 2019-2020	Δ 2019-2020
Produtos florestais	13.958,4	12.924,4	11.414,6	-11,7	24,5	25,0	27,1	8,4	-18,5
Borracha e gomas naturais	1,6	1,6	2,3	41,3	0,0	0,0	0,0	100,9	-29,7
Celulose	8.276,5	7.479,9	5.989,6	-19,9	15,2	15,3	16,2	6,0	-24,5
Madeira	3.677,7	3.438,7	3.677,6	6,9	7,3	7,5	8,7	16,7	-8,4
Papel	2.002,7	2.004,2	1.745,1	-12,9	2,1	2,2	2,1	-3,6	-9,7
Complexo sucroalcooleiro	7.434,2	6.193,7	9.950,4	60,7	22,6	19,5	32,8	68,5	-4,7
Açúcar de cana ou beterraba	6.525,0	5.179,1	8.744,2	68,8	21,3	17,9	30,6	71,3	-1,4
Álcool	894,2	998,1	1.191,5	19,4	1,3	1,5	2,1	38,5	-13,8
Demais açúcares	14,9	16,5	14,7	-11,0	0,0	0,0	0,0	-0,7	-10,4
Arroz	463,8	368,0	503,5	36,8	1,5	1,1	1,4	31,8	3,8
Milho	3.918,3	7.212,2	5.786,1	-19,8	22,9	42,7	34,4	-19,5	-0,4
Demais cereais, farinhas e preparações	300,6	415,0	538,5	29,7	0,5	0,9	1,2	24,7	4,0
Café	4.962,1	5.167,4	5.529,5	7,0	1,9	2,3	2,5	6,2	0,8
Algodão	1.686,6	2.640,4	3.226,9	22,2	1,0	1,6	2,1	31,7	-7,2

Fonte: Agrostat/MAPA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O complexo sucroalcooleiro, que representou 9,9% das exportações totais do agro-negócio em 2020, fechou o ano com um dos melhores desempenhos – crescimento de 60,7% em valor (US\$ 9.950,4 milhões) e de 68,5% em quantidade (32,8 milhões de toneladas). No entanto, a variação do preço médio entre 2019 e 2020 foi negativa (-4,7%). Este setor foi impulsionado majoritariamente pelo açúcar de cana ou beterraba (87,9%), que encontrou no mercado internacional no ano passado uma oportunidade de expansão. Isso porque Índia e Tailândia, que são grandes produtores de açúcar, tiveram quebra na safra 2019-2020, com perda de 15,7% e 43,1%, respectivamente. E, apesar de o Brasil liderar o *ranking* dos principais produtores de açúcar (tabela 6), a Tailândia tinha uma grande participação no mercado internacional (tabela 7), em especial nas exportações para países asiáticos. Com a quebra de safra e a desvalorização cambial, o Brasil perdeu um dos seus principais concorrentes. Segundo o USDA, para 2020-2021 a estimativa é de crescimento de 40,8% da produção brasileira e novamente queda na produção tailandesa (-4,8%), o que sinaliza não só a recuperação do setor no Brasil, com níveis de crescimento observados nas safras anteriores a 2017-2018, mas também que o país terá condições novamente de atender à demanda internacional da *commodity*.

TABELA 6
Maiores produtores mundiais de açúcar (2018-2019 a 2020-2021)
 (Em t milhões e %)

Produção	2018/2019	Participação na produção mundial 2018/2019	2019/2020	Participação na produção mundial 2019/2020	2020/2021*	Participação na produção mundial 2020/2021*
Brasil	29,5	16,4	29,9	18,1	42,1	23,1
Índia	34,3	19,1	28,9	17,5	33,8	18,6
União Europeia	18,0	10,0	17,0	10,3	16,1	8,8
China	10,8	6,0	10,4	6,3	10,5	5,8
Estados Unidos	8,2	4,6	7,4	4,5	8,2	4,5
Tailândia	14,6	8,1	8,3	5,0	7,9	4,3
Outros	64,1	35,7	63,6	38,4	63,5	34,9
Total	179,3	100,0	165,5	100,0	181,9	100,0

Fonte: USDA-WASDE Report, fev. 2021.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: * Previsão de fevereiro de 2021.

TABELA 7
Maiores exportadores mundiais de açúcar (2018-2019 a 2020-2021)
 (Em t milhões e %)

Exportações	2018/2019	Participação nas exportações mundiais 2018/2019	2019/2020	Participação nas exportações mundiais 2019/2020	2020/2021*	Participação nas exportações mundiais 2020/2021*
Brasil	19,6	34,3	19,3	36,2	32,2	49,3
Tailândia	10,6	18,6	7,0	13,1	7,3	11,2
Índia	4,7	8,2	5,8	10,9	6,0	9,2
Outros	22,2	38,8	21,2	39,8	19,8	30,4
Total	57,1	100,0	53,3	100,0	65,3	100,0

Fonte: USDA-WASDE Report, fev. 2021.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: * Previsão de fevereiro de 2021.

O milho, por sua vez, fechou 2019-2020 com queda de 19,8% em valor e de 19,5% em quantidade frente à safra anterior. A variação do preço médio também foi negativa (-0,4%). Esse resultado reflete o aquecimento da demanda doméstica do grão, principalmente como insumo para ração, dado que 2020 foi um ano de bastante demanda por proteína animal. Entre os principais destinos, destaque para o Irã, que teve 12,8% do total das exportações, Japão (12,3%), Vietnã (10,8%) e Egito (9,2%). Paralelo a isso, segundo a Conab, o estoque de passagem foi de

10,2 milhões de toneladas – 30,1% abaixo do ano anterior –, com manutenção da produção – 102,5 milhões de toneladas na safra 2019-2020 contra 100,0 milhões de toneladas na safra 2018-2019. De acordo com a instituição, como a estimativa de consumo doméstico para 2020-2021 é de alta de 4,6%, o volume destinado à exportação deve ser mantido.

Por fim, o ótimo desempenho do café em 2020 – 15,6% em valor e 30,0% em quantidade frente a 2019 – contou com boas condições climáticas e com a biennialidade positiva do grão, que impactou principalmente o arábica. A variação do preço médio entre 2019 e 2020 foi estável (0,8%). Para as fibras e produtos têxteis em 2020, destaque para o algodão, que também teve um bom desempenho em valor (22,2%) e em quantidade (31,7%) em comparação com o ano anterior. Esse setor contou no ano passado com uma demanda internacional aquecida dos principais destinos do produto brasileiro: China (31,0%), Vietnã (16,0%), Paquistão (13,4%), Turquia (11,3%), Bangladesh (10,0%) e Indonésia (9,5%).

5 Importação de produtos do agronegócio

Para as importações do agronegócio, o Brasil apresentou queda de 5,2% em valor frente a 2019 (tabela 8), o que contribuiu para a elevação do saldo da balança comercial em 5,6% – de US\$ 83,0 bilhões para US\$ 87,7 bilhões, como apresentado no início desta nota.

TABELA 8
Brasil: importações totais e do agronegócio (2018-2020)
(Em US\$ milhões, t mil e %)

Setor(es)	Valor (milhões US\$)				Peso (milhões t)				Preço médio
	2018	2019	2020	Δ 2019-2020	2018	2019	2020	Δ 2019-2020	Δ 2019-2020
1. Trigo	1.502,33	1.490,50	1.342,75	-9,9	6,817	6,575	6,159	-6,3	-3,8
2. Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	873,98	1.015,77	1.004,76	-1,1	1,024	1,225	1,231	0,5	-1,6
3. Peixes	1.225,24	1.186,75	832,81	-29,8	0,331	0,311	0,278	-10,8	-21,3
4. Papel	888,16	850,26	687,06	-19,2	0,740	0,703	0,574	-18,4	-1,0
5. Lácteos	485,63	454,91	550,54	21,0	0,153	0,142	0,174	22,4	-1,1
6. Malte	405,02	543,58	535,42	-1,5	0,801	1,092	1,144	4,8	-6,0
7. Azeite de oliva	436,22	401,74	422,94	5,3	0,080	0,091	0,111	22,2	-13,9
8. Vinho	376,10	372,16	422,52	13,5	0,119	0,120	0,152	26,6	-10,3
9. Arroz	214,51	242,59	374,45	54,4	0,614	0,750	0,974	29,8	18,9
10. Borracha natural e gomas naturais	343,18	331,87	246,24	-25,8	0,225	0,225	0,173	-23,4	-3,1
Demais imp. do agronegócio	7.287,22	6.878,75	6.627,14	-3,7	6,104	6,445	6,802	5,5	-8,7
Imp. totais do agronegócio (i)	14.037,6	13.768,9	13.046,6	-5,2	17,006	17,680	17,772	0,5	-5,7
Imp. totais Brasil (ii)	181.230,6	177.347,9	158.937,3	-10,4	151,408	153,205	144,265	-5,8	-4,8
(i)/(ii)	7,7%	7,8%	8,2%	5,7	11,2%	11,5%	12,3%	6,7	-

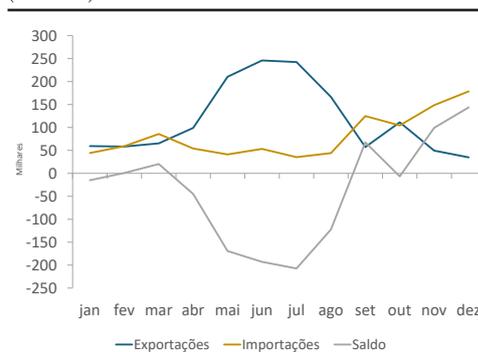
Fonte: Agrostat/MAPA e Comex Stat/MDIC.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Dos produtos importados pelo Brasil, dois merecem destaque. O primeiro é o trigo, que apresentou queda de 9,9% em valor (US\$ 147,8 milhões) e de 6,3% em quantidade (415,6 mil toneladas) em 2020 comparado com 2019. Segundo a Conab, essa cultura de inverno contou com aumento de 14,1% da área plantada e 15,9% na produtividade, o que impactou positivamente a produção doméstica no ano passado (32,2%). Esse resultado refletiu diretamente na quantidade importada, que caiu 148 mil toneladas em relação a 2019.⁵

5. Boletim da Safra de Grãos, de seu 12º levantamento, 2019-2020, está disponível em: <<https://www.conab.gov.br/infoagro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>>.

O segundo produto de destaque é o arroz. No ano passado, houve um comportamento atípico do comércio de arroz.⁶ Com a quebra de safra dos principais fornecedores do mercado mundial – Índia, Tailândia e Vietnã, que respondem por cerca de 60% do total produzido – e com preços internacionais mais atraentes, o Brasil aumentou suas exportações em 36,8%, sobretudo a partir de maio.⁷ O saldo entre saídas (exportações) e entradas (importações) do grão no período de safra – de setembro de 2019 a agosto de 2020 – foi deficitário em 884,6 mil toneladas (gráfico 11). Para uma produção total estimada pela Conab de 11,2 milhões de toneladas,⁸ a oferta interna do produto em 2020 foi de 10,4 milhões de toneladas. Por sua vez, a demanda estimada pela Conab para os meses de comercialização da safra 2019-2020, que é de março de 2020 a fevereiro de 2021, é da ordem de 10,8 milhões de toneladas. Esse *deficit* projetado, junto com as medidas de incentivo a importações, tende a provocar reversão gradual na tendência da balança comercial até o período de início da comercialização da safra 2020-2021, já captada pelo saldo dos meses de setembro a dezembro de 2020, nos quais se verificou importação líquida de 303 mil toneladas de arroz. Ainda assim, o saldo final foi de exportações líquidas de 426 mil toneladas em 2020, o que tende a manter pressionados os preços do cereal, ainda que com oscilações negativas nos períodos de safra dos maiores países produtores, como nesse início de 2021.

GRÁFICO 11
Importações, exportações e saldo do comércio de arroz (2020)
 (Em t mil)



Fonte: Agrostat/MAPA.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 9
Principais fornecedores de produtos do agronegócio para o Brasil (2019 e 2020)
 (Em US\$ e %)

Ano	2019		2020	
	Valor (milhões US\$)	Participação (%)	Valor (milhões US\$)	Participação (%)
Total	13.768,9	100	13.046,7	100
Argentina	3.438,3	24,97	3.183,2	24,4
UE 28 países	2.831,2	20,56	2.697,5	20,68
Estados Unidos	1.343,2	9,76	1.241,7	9,52
Paraguai	706,4	5,13	966,4	7,41
Chile	1.065,4	7,74	897,9	6,88
China	1.050,2	7,63	882,7	6,77
Uruguai	681,3	4,95	759,0	5,82
Indonésia	376,6	2,73	379,1	2,91
Índia	154,8	1,12	161,5	1,24
Peru	167,0	1,21	132,6	1,02
Canadá	145,4	1,06	122,5	0,94

Fonte: Agrostat/MAPA.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em termos de origem dos produtos importados pelo Brasil, nossos principais fornecedores em 2020 continuaram sendo os países do Cone Sul, com destaque para a Argentina, uma vez que cereais (22,6%) – sobretudo o trigo (10,3%) – são os principais produtos da pauta de importação do agronegócio brasileiro. O segundo

6. Boletim da Safra de Grãos, de seu 12º levantamento, 2019-2020, está disponível em: <<https://www.conab.gov.br/infoagro/safra/graos/boletim-da-safra-de-graos>>.

7. USDA Grain Report, nov. 2020.

8. Boletim da Safra de Grãos, de seu 12º levantamento, 2019-2020, está disponível em: <<https://www.conab.gov.br/infoagro/safra/graos/boletim-da-safra-de-graos>>.

bloco fornecedor em 2020 foi a UE (20,7%), com destaque para o azeite,⁹ o papel¹⁰ e os vinhos. E, em terceiro lugar, ficaram os EUA, com 9,5%.



Apesar de, em 2020, as importações de cereais, farinhas e preparações terem se reduzido em 2,8% em relação ao ano anterior, outros produtos tiveram comportamento atípico e contribuíram positivamente para o saldo das importações. O arroz, por exemplo, apresentou crescimento de 54,3% (2,9% de participação). A fim de promover a entrada do grão no país, o governo federal reduziu a tarifa de importação. Mesmo assim, os principais fornecedores foram a Argentina, o Paraguai e o Uruguai, novamente os países do Cone Sul. Apesar de esses países já serem isentos de tarifas no Brasil, a abertura do mercado foi importante para trazer mais competitividade. Mas o principal aumento, tanto em valores absolutos quanto percentuais, foi do complexo soja – cuja participação foi de 3,4% em 2020 frente a 2019. No ano passado, suas importações cresceram mais de 450%, puxadas tanto pelo óleo (410%) quanto pelo grão (500%). Tais altas foram motivadas principalmente pelo direcionamento da produção interna brasileira para a formação de estoques e exportação por parte das cadeias de comercialização. Esse movimento buscou aproveitar o cenário de alta dos preços do grão no mercado internacional, o que, segundo o USDA,¹¹ tende a se sustentar em 2021, uma vez que o câmbio continua favorável para as exportações brasileiras. Dessa forma, a indústria nacional se viu obrigada a buscar insumos em outros países, elevando as importações do complexo soja com origem da Argentina (381%), do Paraguai (571%) e do Uruguai (230,2%).

9. Componente do agregado produtos oleaginosos exceto soja (ver tabela 5).

10. Contabilizado do agregado produtos florestais (ver tabela 5).

11. USDA-WASDE Report, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.usda.gov/oce/commodity/wasde/wasde0221.pdf>>.

Anexo A



TABELA A.1

Brasil: exportações totais e do agronegócio, setores e subsectores (2018-2020)
(Em US\$ milhões e t milhões)

Setor(es)	2018		2019		2020	
	Valor (US\$ milhões)	Peso (t milhões)	Valor (US\$ milhões)	Peso (t milhões)	Valor (US\$ milhões)	Peso (t milhões)
Complexo soja	40.696,5	101,332	32.621,7	91,787	35.231,6	101,016
Farelo de soja	6.624,4	16,670	5.855,3	16,682	5.909,5	16,938
Óleo de soja	1.025,4	1,415	694,7	1,041	761,4	1,110
Soja em grãos	33.046,7	83,247	26.071,8	74,064	28.560,6	82,968
Carnes	14.682,7	6,581	16.685,6	7,048	17.158,8	7,417
Carne bovina	6.542,8	1,641	7.629,2	1,865	8.478,2	2,011
Carne de frango	6.399,7	4,018	6.972,6	4,175	5.989,3	4,125
Carne suína	1.189,5	0,635	1.599,8	0,746	2.254,3	1,010
Demais carnes	550,7	0,287	484,0	0,264	437,0	0,271
Produtos florestais	13.958,4	24,528	12.924,4	24,970	11.414,6	27,064
Borracha e gomas naturais	1,6	0,001	1,6	0,001	2,3	0,002
Celulose	8.276,5	15,192	7.479,9	15,295	5.989,6	16,217
Madeira	3.677,7	7,276	3.438,7	7,491	3.677,6	8,741
Papel	2.002,7	2,060	2.004,2	2,184	1.745,1	2,105
Complexo sucroalcooleiro	7.434,2	22,634	6.193,7	19,473	9.950,4	32,815
Açúcar de cana ou beterraba	6.525,0	21,260	5.179,1	17,889	8.744,2	30,636
Álcool	894,2	1,342	998,1	1,544	1.191,5	2,139
Demais açúcares	14,9	0,032	16,5	0,040	14,7	0,040
Cereais, farinhas e preparações	4.682,7	24,908	7.995,2	44,729	6.828,1	36,976
Arroz	463,8	1,455	368,0	1,062	503,5	1,400
Milho	3.918,3	22,941	7.212,2	42,724	5.786,1	34,400
Demais cereais, farinhas e preparações	300,6	0,512	415,0	0,942	538,5	1,175
Café	4.962,1	1,918	5.167,4	2,332	5.529,5	2,477
Fibras e produtos têxteis	2.104,0	1,084	3.050,3	1,741	3.525,8	2,264
Algodão	1.686,6	0,974	2.640,4	1,614	3.226,9	2,125
Demais fibras e produtos têxteis	417,3	0,110	409,4	0,127	298,8	0,138
Sucos	2.350,6	2,583	2.109,9	2,364	1.603,3	2,164
Fumo e seus produtos	1.988,1	0,461	2.143,0	0,552	1.638,2	0,514
Couros, produtos de couro e peleteria	1.844,5	0,463	1.565,4	0,492	1.249,5	0,472
Demais produtos do agronegócio	6.463,6	4,077	6.393,8	4,207	6.572,1	4,761
Agronegócio total	101.167,3	190,569	96.850,6	199,694	100.701,9	217,941
Brasil – exportações totais	239.264,0	705,994	225.383,5	678,366	209.878,4	697,476

Fonte: Agrostat/MAPA.

Anexo B



TABELA B.1

Brasil: importações totais e do agronegócio (2019 e 2020)
(Em US\$ milhões e t mil)

Setor(es)	2019			2020			2020/2019 Variação valor (%)
	Valor (US\$ milhões)	Peso (t mil)	Participação valor (%)	Valor (US\$ milhões)	Peso (t mil)	Participação valor (%)	
Cereais, farinhas e preparações	3.031,94	11.073,93	22,0	2.948,33	10.722,90	22,6	-2,8
Arroz	242,59	750,49	1,8	374,45	974,06	2,9	54,4
Trigo	1.490,50	6.574,85	10,8	1.342,75	6.159,30	10,3	-9,9
Malte	543,58	1.091,56	3,9	535,42	1.143,90	4,1	-1,5
Demais cereais, farinhas e preparações	755,26	2.657,04	5,5	695,70	2.445,64	5,3	-7,9
Produtos florestais	1.505,94	1.325,28	10,9	1.216,64	1.069,18	9,3	-19,2
Borracha natural e gomas naturais	331,87	225,36	2,4	246,24	172,64	1,9	-25,8
Celulose	188,06	282,71	1,4	158,25	223,39	1,2	-15,9
Madeira	135,75	113,73	1,0	125,10	99,03	1,0	-7,8
Papel	850,26	703,48	6,2	687,06	574,12	5,3	-19,2
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	1.015,77	1.224,56	7,4	1.004,76	1.231,00	7,7	-1,1
Produtos oleaginosos (exclui soja)	850,60	591,46	6,2	1.001,44	745,96	7,7	17,7
Azeite de oliva	401,74	90,54	2,9	422,94	110,66	3,2	5,3
Demais produtos oleaginosos (exclui soja)	448,86	500,92	3,3	578,50	635,30	4,4	28,9
Pescados	1.267,74	333,79	9,2	896,30	296,92	6,9	-29,3
Peixes	1.186,75	311,16	8,6	832,81	277,58	6,4	-29,8
Demais pescados	80,99	22,63	0,6	63,49	19,34	0,5	-21,6
Bebidas	714,08	306,02	5,2	689,29	322,90	5,3	-3,5
Vinho	372,16	120,47	2,7	422,52	152,46	3,2	13,5
Demais bebidas	341,91	185,55	2,5	266,77	170,45	2,0	-22,0
Lácteos	454,91	142,40	3,3	550,54	174,24	4,2	21,0
Demais produtos	4.927,91	2.682,83	35,8	4.739,33	3.209,21	36,3	-3,8
Total do agronegócio (I)	13.768,88	17.680,28	100,0	13.046,64	17.772,31	100,0	-5,2
Total Brasil (II)	177.347,93	153.205,08	100,0	158.937,30	144.265,44	100,0	-10,4
(II)/(I)	7,8%	11,5%		8,2%	12,3%		

Fonte: Agrostat/MAPA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Augusto Lopes dos Santos Borges
Caio Rodrigues Gomes Leite
Bruna Naiara de Castro
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.